

## 6. Pensar a educação contra a barbárie em tempos de pandemia

Alex Sander da Silva<sup>1</sup>

Guilherme Orestes Canarin<sup>2</sup>

### Resumen

Este artigo trata da relação entre barbárie e humanidade, ou daquilo de que até então poderíamos denominar como barbárie educativa em tempos de pandemia do Coronavírus. Para tanto, partimos de algumas elaborações da teoria crítica de Theodor W. Adorno (1995, 2009, 2015), sobre o desgaste que os contextos de crise ou colapso vem causando na condição humana, particularmente, naquilo que ele traz na sua dialética negativa. Pretendemos explorar alguns elementos que imaginamos estarem contidos no pensamento adorniano, sobretudo, na sua seguinte tese “escrever um poema depois de Auschwitz é um ato bárbaro”. Buscamos elaborar algo como pontos de curto-circuito social, nos quais as condições de possibilidade de “ser no mundo” estão mudando drasticamente. Para isso, essa elaboração segue, em certa medida, o mote adorniano do ensaio como forma, buscando a imanência do objeto. Nosso foco está em articular algumas possibilidades teórico-metodológicas, tendo em vista uma compreensão da relação dialética barbárie/humanidade no contexto educacional. Esta perspectiva nos leva a pensar no seguinte dilema: será possível pensar outras constelações educativas depois da pandemia do Coronavirus? Nossa hipótese é de que sim, é possível. Porém, isso indica a necessidade de reflexões profundas a respeito desta questão, particularmente, destacar a atualidade e o potencial do pensamento constelativo do filósofo Theodor W. Adorno para reflexão dos problemas educacionais e a formação cultural na sociedade contemporânea.

**Palabras clave:** Educação. Teoria Crítica. Constelação. Coronavirus.

**DOI:** [www.doi.org/10.18050/miradacovid.art6](http://www.doi.org/10.18050/miradacovid.art6)

---

<sup>1</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense (Brasil). falexsanders@unescc.netv ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0945-9075>

<sup>2</sup> Instituição de Ensino Superior UNIASSELVI (Brasil). guilhermeorestescanarin.canari@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9021-9799>

“Escrever um poema depois de  
Auschwitz é um ato bárbaro”

(Adorno, 1996, p.26)

## Introdução

Para iniciarmos este ensaio, vamos tomar aqui uma citação do filósofo Theodor W. Adorno de modo ambíguo na sua seguinte tese “escrever um poema depois de *Auschwitz* é um ato bárbaro” (Adorno, 1996, p.26). Essa tese será um pré-texto e um pretexto para analisar um contexto específico, particularmente, o contemporâneo. Pretendemos trazer alguns elementos que imaginamos estarem contidos no pensamento adorniano, sobretudo, a ideia é articular essa tese com a situação mundial de enfrentamento das pestes contemporâneas, particularmente, na pandemia do Coronavírus.

Entendemos que uma situação de pandemia se caracteriza como uma crise sanitária que tomou proporções mundiais. Buscamos aqui elaborar algumas questões, tais como: que educação há e haverá depois da pandemia no Brasil? Que tipo de sociedade seremos a partir dos efeitos da pandemia nas relações sociais contemporânea? E ainda, o que restará de humanidade em nós, daquilo que nós éramos quando tudo isso passar? Para visualizarmos o quadro atual do colapso em diversas dimensões, no qual a questão da barbárie vai aparecer, nesse contexto de pandemia. Se faz importante destacar que alguns críticos dizem que não estamos vivendo uma crise, estamos imersos numa grande crise desde há muito tempo.<sup>3</sup>

Se tomarmos como referência o filósofo Theodor W. Adorno (1995, 2009, 2015), e mais contemporaneamente, o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2018), indicam que a crise é o estado “natural” do próprio capitalismo. Desde que nos “aventuramos” nesse regime, catástrofe e barbáries estão sempre por perto nos assombrando, bem como, a grande massa espoliada e excluída que estão por aí para nos mostrar o que realmente nos sobra.

---

<sup>3</sup> Importante ver o texto: *Neoliberalismo em tempos de coronavírus ou coronavírus em tempos de neoliberalismo?* de Bruna Soloina Machado, Marcos Vinicius Fernandes Gonçalves e Maria Fernanda Gomes Arcanjo publicado na Espaço e Economia Revista brasileira de geografia econômica 18 | 2020 ANO IX, número 18. In: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/12379#tocfrom2n6> acesso 23 de novembro de 2020.

Žižek (2018) em seu texto “Não podemos tratar da questão dos refugiados sem abordar o capitalismo global”<sup>4</sup>, indica que a crise capitalista trata da característica global e sistemática das várias dimensões. Dessa crise global ou colapso no qual já vivemos há muitos anos, ele faz uma leitura que relaciona a crise dos refugiados na Europa com a exploração econômica de países como o Congo. Nessas regiões as milícias vêm sendo armadas e a violência e o empobrecimento regional são alimentados por regimes pouco transparentes dos quais se beneficiam empresas transnacionais americanas, europeias e asiáticas.

Se retomarmos as análises adornianas e zizekianas a respeito de uma das cruéis consequências de uma crise do capitalismo nos anos da segunda guerra mundial, talvez a pergunta, ou as perguntas, de fundo sejam: o que sobreviveu de humano depois de Auschwitz? E em paralelo, poderíamos atualizar essa pergunta para nossos dias: o que restará de humano depois da pandemia do coronavírus? Que espécie de humanidade será possível depois desse acontecimento? E ainda, quanto tempo levaremos para compreendê-lo nas suas consequências nefastas não só em termos de crise sanitária?

Tais questões serão para orientar nossa reflexão sobre o enfrentamento da pandemia do Coronavírus numa perspectiva crítica. Não vamos tentar analisar todas as expressões da crise capitalista num contexto de pandemia, tentar apenas organizar algumas dimensões e alcances da catástrofe pandêmica em termos educacionais.

Nesse ensaio, pretende-se pensar algumas questões e alguns elementos presentes na tensão existente entre as aspirações formativas educacionais e os desafios que se colocam para uma educação contra a barbárie em tempos de pandemia. Isto é, a tentativa é pensar uma reflexão possível na situação dessa nova catástrofe que a humanidade está enfrentando, muito voltado para pensar algumas consequências dos problemas educacionais que se aprofundam nos países em desenvolvimento, particularmente, o caso brasileiro. Também pretensiosamente nossa reflexão se direciona para a atualidade e a potencialidade do pensamento constelativo contra a barbárie contemporânea.

Parafraseando Adorno nos questionamos “será possível escrever poema após a pandemia do Coronavírus?” Primeiramente, traçamos uma crítica a versão capitalista da economia a partir do modelo neoliberal e suas consequências éticas e políticas de condução da vida humana. Num segundo momento, trazemos uma análise que procura, a partir de uma paráfrase da tese adorniana de que “escrever um poema após a pandemia do Coronavírus figuraria num ato bárbaro”, compreender os desafios lançados para uma educação contra a barbárie em tempos pandêmicos.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/18/zizek-nao-podemos-abordar-a-crise-dos-refugiados-sem-enfrentar-o-capitalismo-global-os-refugiados-nao-chegaram-a-noruega-tao-pouco-a-noruega-que-eles-procuram-existe/>

## O sentido do *ethos* educativo no capitalismo neoliberal

A impotência, ao lado do apelo ao exercício da (pseudo)liberdade democrática, (ou da liberdade formal que é a única possível no capitalismo) levaria os indivíduos a manifestarem as mais diversas rejeições, da cultura e do sistema, e, por sua vez, o próprio sistema voltaria a alimentar-se dessa rejeição. Embora houvesse os potenciais para liberdade na realidade concreta, eles ainda assim permaneceriam bloqueados. Para a abordagem dessa crise, no entanto, um dos seus pressupostos é que a própria educação, enquanto dispositivo de formação cultural, não pode ser “idealizada”. Pois, mesmo num alto grau de formação cultural não impediu a ascensão de regimes totalitários.

Se pensarmos num conceito amplo de educação como formação cultural, ou responsabilizamos demais a educação ou, por outro lado, chegaremos a um limite em sua própria análise. De saída deve-se lembrar que, para Marx, a sociedade que superdesenvolveu as forças produtivas tornaram cada vez mais o “primado da economia” o centro. Isto é, a centralidade do trabalho que produz mercadorias, tornou o trabalho em mediações sociais cegas, transformando-o numa condição totalmente hegemônica e anacrônica do domínio do capital.

Em síntese, podemos dizer que a mercadoria *como produto do capital implica a materialização do fetiche* na produção social da vida. Se o modo de produção da vida no capitalismo é pobre, se as relações materiais são de dominação, a produção da cultura não se distancia disso. Se o capitalismo absorve a tudo como mercadoria, a educação, como produção social, também não escapa disso. Isso significa a necessidade de reorientar os conceitos *formativos* da educação contemporânea.

No mundo do capital, a vida adquire um caráter pálido, prejudicado, ou, como afirma o próprio Adorno:

Aquilo que “vida” significava outrora para os filósofos passou a fazer parte da esfera privada e, mais tarde ainda, da esfera do mero consumo, que o processo de produção material arrasta consigo como um apêndice sem autonomia e sem substância própria. Quem quiser saber a verdade acerca da vida imediata tem que investigar sua configuração alienada, investigar os poderes objetivos que determinam a existência individual no mais recôndito dela (Adorno, 1993, p. 7).

O sentido do *ethos* educativo, isto é, no modo como se comportam as práticas educacionais, no capitalismo neoliberal atenta para aquilo que Adorno chamou de vida danificada (Adorno, 1993). A configuração alienada que a vida assume contemporaneamente não fica distante da compreensão de que a racionalidade instrumental está enraizada nos recônditos espaços da vida humana, ocultando-se naquilo que parece ser dela, ou seja, considerando que a vida esteja danificada no sentido da alienação do indivíduo. Os argumentos se convertem em algo que mostra a modelagem de uma subjetividade moldada e absorvida pela totalidade social capitalista.

A ideia de uma vida alienada e danificada aparece para Adorno (1993) como o resultado do

condicionamento do sujeito absorvido pela totalidade social burguesa. O que caracterizaria a vida dos indivíduos como coerção funcional, demonstra uma circunstância em que o membro particular da espécie humana se vê condicionado por uma rede funcional do sistema em que está inserido. O momento mais elevado desse poder sobre a vida humana pode ser demonstrado pelo poder adquirido pelo dinheiro, pela propriedade.<sup>5</sup>

Na sociedade regida pela lógica da produção e do consumo, a realização do trabalho é sua objetificação, ou seja, o sujeito transformador e a natureza a ser transformada são objetificados. É nesse sentido que a realização do trabalho é a negação do ser humano, tanto em sua universalidade quanto em sua singularidade. No trabalho, não é dele o *telos* da atividade, não é dele a matéria trabalhada e nem o produto. Essa inversão refere-se à relação com o produto, que, segundo Marx (2007, p.37), torna-se um “objeto alheio que exerce domínio sobre o homem”; refere-se também a uma relação com a própria atividade.

Portanto, a alienação é a expressão de uma inversão que ocorre no relacionamento do ser humano com ele mesmo. Não insistiremos nesse debate, mas é preciso notar que as razões da permanência da alienação são numerosas e podem ser procuradas no esfacelamento dos indivíduos no próprio capitalismo. No texto *Capitalismo tardio ou sociedade industrial?* (1994), Adorno considera que no “Capitalismo tardio” as relações de produção se revelam mais elásticas do que Marx imaginara. É sob esta perspectiva que os mecanismos permitem a permanência extemporânea da ideologia da produtividade e alienação máxima dos indivíduos.

Alienação é esse fenômeno que viabiliza a permanência do capitalismo, num contexto em que na sua irracionalidade – algo que se demonstra na desproporção, na superfluidade e no desperdício – suas contradições tornam-se expostas. A inexistência de uma consciência de classe, o declínio da participação do trabalho vivo nas atividades industriais “só de um modo muito forçado e arbitrário são ainda interpretáveis sem utilizar o conceito-chave ‘capitalismo’.

A dominação sobre seres humanos continua a ser exercida através do processo econômico” (Adorno, 1994, p. 67). O resultado desse triunfo da lógica da produção e do consumo é a criação de uma aparência “de que o [...] o ideal seria a plena ocupação e não o interesse em libertar-se do trabalho heterônomo” (Adorno, 1994, p. 69). Assim, uma vida danificada é aquela que se define a partir de uma determinada relação entre a vida e a produção, uma relação que é de sujeição da vida ao processo produtivo.

---

<sup>5</sup>Segundo Marx, na sociedade capitalista “cada produto é uma isca com a qual se quer atrair o ser dos outros, seu dinheiro; toda necessidade real ou possível é uma fraqueza que arrastará as moscas ao melado – exploração universal da essência humana coletiva do homem...” (MARX, 1987, p. 182). O poder do dinheiro expressa o poder que o sujeito não tem mais sobre sua própria vida: “O dinheiro é a capacidade alienada da humanidade” (Ibid., p. 196). Cf.: MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1987.

No capitalismo neoliberal a fragilidade alcança o mais recôndito da condição de vida das pessoas, sendo que seu modo de agir danifica a vida nas suas diversas dimensões. No *ethos* da sociedade atual, a despeito de todo o progresso da técnica e do crescimento da produção, revela aspectos estáticos. Eles fazem parte das relações de produção, isto é, aqui não há progresso desde que o capitalismo existe. Na sua versão neoliberal, o capitalismo mantém seu núcleo mais duro e central, ou seja, a exploração do excedente do mais valor. Essa exploração complementada com a ilusão de progresso como ideologia.

Mas, em que sentido estas relações de produção se estagnaram, a despeito de todo o progresso das forças produtivas? Essa questão remete ao descolamento entre o interesse objetivo e a espontaneidade subjetiva. A socialização radical, no dizer de Adorno, “paralisa a simples capacidade de imaginar concretamente o mundo de um modo diverso de como ele dominadoramente se apresenta àqueles pelos quais ele é construído...” (Adorno, 1994, p. 70). Na sociedade regida pela lógica da produção e do consumo a relação entre a vida e a produção rebaixa aquela a uma efêmera manifestação desta (Adorno, 1993, p. 7).

No capitalismo tardio neoliberal, as elites dirigentes conseguem negar os pressupostos fundamentais à formação dos indivíduos que vivem do trabalho. Isto é, recusa aos trabalhadores qualquer possibilidade de elevação da subjetividade adoecida. O espírito adormecido, facilmente, subordina sua razão ao que existe imediatamente. Esta subordinação corresponde a uma singular manifestação da alienação, que coisifica e molda as consciências a que o mundo administrado aspira. Assim: “As ordenações práticas da vida, que se apresentam como se favorecessem ao homem, concorrem, na economia do lucro, para atrofiar o que é humano” (Adorno, 1993, p. 34).

A dura lida imposta aos trabalhadores, bem como as condições precárias de seu existir, se constitui em um obstáculo de difícil superação para a construção de pensamentos livres. Só o fortalecimento do pensamento, cuja pretensão escapa aos fabricantes de produtos culturais, permite a destruição desta subordinação à qual a razão está submetida na contemporaneidade. Até o ócio é aproveitado, engenhosamente pelos meios que propagam a ideologia dominante, para que não reflita sobre sua condição de explorado e, muito menos, sobre quem o explora.

Assim, as classes dominantes economicamente, para manter seus privilégios, não têm poupado esforços para que a dominação das consciências permaneça no estado em que se encontra. As pessoas acatam passivamente a sociedade dada, refutando as possibilidades de uma provável modificação da situação existente – ainda que, cada vez mais, limitadas. Mas com a experiência da pandemia do Coronavírus essas contradições se mostraram mais agudas e explícitas.

### **Por uma educação contra a barbárie em tempos pandêmicos**

Nossa análise procura, a partir de uma paráfrase da tese adorniana de que “escrever um poema após a pandemia do Coronavírus figuraria num ato bárbaro”, analisar os desafios lançados

para uma educação contra a barbárie em tempos pandêmicos. Mas mais especificamente, busca uma tentativa de organizar uma reflexão crítica sobre as formas educativas desafiadas por um contexto de crise sanitária, enredada num contexto de crise política, no caso do Brasil. Ou seja, o dilema é: como será possível enfrentar dos desafios educacionais no período pós-pandemia?

Nossas reflexões estão voltadas para uma crítica da permanência da dominação neoliberal do capitalismo avançado, que provoca a necessidade de reflexões sobre os perigos que seria prolongar uma barbárie no âmbito educacional, na perspectiva do pensamento educacional de Theodor W. Adorno (1995). A questão que se coloca é: como poderemos, então, dialogar com Adorno para compreender a tensão presente entre as necessidades para uma educação formativa e as condições para efetivá-la em tempos de pandemia?

A originalidade e a perspicácia da reflexão adorniana sobre a educação, provoca uma postura reflexiva, que é antes de tudo, um esforço de articulação de sentidos do pensamento crítico em seus limites e possibilidades, que ainda dizem respeito a problemas do nosso tempo. Na coletânea *Erziehung zur Mündigkeit*, na tradução brasileira *Educação e emancipação* (1995), foi um projeto de conferências radiofônicas de Theodor Adorno com Helmut Becker e Gerd Kadelbach, produzidas em parceria com a Divisão de Educação e Cultura do Estado de Hessen cuja série "Questões educacionais da atualidade" foram realizadas no período de 1959 a 1969, encontramos algumas "intuições" provocativas.

Os escritos assinalam a coerência epistemológica da teoria crítica adorniana no desvendamento do processo histórico de produção social com a dominação capitalista. Ao mesmo tempo, apontam uma dimensão formativa a ser desenvolvida, principalmente, pela educação formal na perspectiva de romper o vínculo entre modernidade e barbárie.

No texto "Educação para quê?" é possível pensar esta questão e alguns elementos presentes na tensão existente entre as aspirações e os desafios que se colocam para a educação de hoje. Adorno reconhece haver uma crescente preocupação com a extensão da educação para todos os níveis a um maior número de pessoas. O que não deixaria de isso ter importância, mas sendo necessário também perguntar acerca dos conteúdos, isto é, "do que é e do para que é a educação" (ADORNO, 1995, p.139).

Adorno sustenta que esta pergunta não consistiria em perguntar "para que fins a educação ainda é necessária?" o que colocaria numa relação de subserviência a lógica dominante de resultados. Mas, valeria perguntar "para onde a educação deve conduzir?" (ADORNO, 1995, p. 139). Desse modo, a maneira mais radical de perguntar-se sobre o vínculo entre modernidade e barbárie, do ponto de vista adorniano, é enfrentar a brutal, e em muitos casos, inextricável forma como estão relacionadas, segundo Adorno

Quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal será o seu intento de escapar por si mesmo da reificação. Mesmo a mais extremada consciência do perigo corre o risco de degenerar em conversa fiada. A crítica cultural

encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema depois de Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de porque hoje se tornou impossível escrever poemas. Enquanto o espírito crítico permanecer em si mesmo em uma contemplação autossuficiente, não será capaz de enfrentar a reificação absoluta, que pressupõe o progresso do espírito como um de seus elementos, e que hoje se prepara para absorver-los inteiramente (Adorno, 1998, p.20).

Numa dialética intrincada, o progresso técnico possibilitou a precisão industrial das mortes orquestradas sob o regime ideológico mais devastador do século XX, e por outro lado, o tipo de racionalidade que formou o ocidente tem-se constituído pelo escamoteamento ostensivo das suas ruínas, calabouços, grillhões e prisões. Um exemplo disso é a relação histórica entre as fabricas e o cárcere no capitalismo.

No ensaio “Crítica cultural e sociedade” (Adorno, 1998, p. 26), Adorno diz que: “A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema depois de Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de porque hoje se tornou impossível escrever poemas”. Esta frase propõe a necessidade de refletir sobre a tensão entre catástrofe e representação. Para dimensionar o alcance da tensão é importante retomar o conceito de catástrofe. Não falamos de qualquer forma de catástrofe, mas do significado mais extremo do movimento de desaparecimento, de extinção, de aniquilamento humano, pois já não se abre qualquer possibilidade de recomposição, de ressurgimento.<sup>6</sup>

Além disso, o fato de ser bárbaro escrever poesia depois de Auschwitz, eclipsa e obscurece a própria compreensão do teor de barbárie que isso contem. Ou seja, o esvaziamento da consciência e a objetificação da subjetividade, ameaçam a própria possibilidade de consciência e da subjetividade. Desse modo a própria humanidade que nos constitui está sob ameaça. Em certo sentido isso significa dizer que a expressão e o conteúdo expressado se encontram num falso paradoxo, que é o centro da indústria cultural, prometer o impossível ou realizar o não prometido. Nesse caso, as duas posições estão, de certo modo, opacas entre si.

A introjeção e o recalçamento emocional e psicológico em que se baseiam as estratégias da indústria da cultura sempre realizam alguma coisa que não prometeram e, ao mesmo tempo, sempre tem de estar impossibilitados de entregar o que prometem, sob pena de escassearem o único recurso infinitamente explorável, a subjetividade. O significado de *Auschwitz* emerge no prisma do nexo entre cultura e ideologia. É esta acepção da palavra catástrofe que se pode reconhecer de modo latente na frase de Adorno.

---

<sup>3</sup> No livro intitulado *Catástrofe e Representação*, Márcio Seligmann-Silva apresenta um texto intitulado “*A história como trauma*”, no qual a história contemporânea é apresentada na impossibilidade de ser representada como meros fatos ou correção de dados. Ela é apresentada no testemunho da singularidade da experiência histórica do evento-limite (*Shoah*), para além da representação conceitual ancorada na consciência. .



O aniquilamento da humanidade ecoou no esvaziamento da utopia humanista, corroendo o poder explicativo da razão e a crença no conhecimento como força de civilização. Na frase adorniana, “escrever um poema após *Auschwitz* é bárbaro”, está exposta a tensão entre catástrofe e representação, e a quebra de confiança na relação entre os seres humanos e as formas familiares de expressão.

Para Adorno a sociedade se apresenta como uma totalidade falsa. Mas, se o todo é falso, é necessário um meio pelo qual este todo seria apreendido pela determinação social. Aquilo que se propõe como totalidade, como plena concretização e amalgama completo de tudo, deve então por isso mesmo ser considerado falso, dado que a dialética é o movimento interno das coisas e também um método do pensamento, quero dizer, aquilo que está inteiro, que é total, é falso porque é imóvel, imutável, porque regride a um estado de fixidez que não condiz com o mundo.

Esta apreensão na perspectiva adorniana requer compreender a condição da cultura. Adorno não tardou em considerar, na relação entre cultura e ideologia, os problemas da crítica cultural. Mesmo considerando que o todo seja falso, a verdade seria apreendida ainda na perspectiva dessa totalidade que não se esgota em sua manifestação como todo cultural (Maar, 2003, p. 58). Em certa medida, cabe-nos perscrutar a tensão entre as totalidade possíveis, suas constelações ou partes e as relações de interdependência entre esses contextos e a possibilidade do aparecimento do seu conteúdo de verdade. Nesse sentido, segundo Adorno,

A cultura tornou-se ideológica não só como supra-sumo das manifestações subjetivamente acalentadas do espírito objetivo, mas na mais ampla escala, também como esfera da vida privada [...]. A vida se converte em ideologia da reificação e, a rigor, em máscara mortuária [...]. Quanto mais totalitarista for a sociedade, tanto mais reificado estará também o espírito e tanto mais paradoxal ser o seu intento de escapar por si mesmo à reificação (Adorno, 1949 in: Cohn, 1994, pp. 86-91).

Para Adorno, a fragilidade da cultura ou o limite da crítica cultural reside em seu caráter antirreflexivo, em seu praticismo, no sentido de permanecer estancado em relação ao próprio conceito. Nessa perspectiva, falar em cultura como fazem alguns “críticos” já significa ir contra ela. Isso corresponde a subordiná-la, classificá-la e submetê-la à heteronomia. Requer violar a reivindicação do seu caráter espontâneo e autônomo, pois seu conceito é intrinsecamente contraditório (Cohn, 1994, p. 19).

O que emerge de tal constatação é a discussão sobre a complicada relação que se estabelece entre a situação de pandemia (barbárie) e a produção da vida (humanidade). Agir de forma heterônoma, curvando-se diante de normas e compromissos de obediência “cega” à autoridade gera condições favoráveis à barbárie. Adorno reflete sobre a necessidade de se pensar os aspectos que permitiram ou não *Auschwitz*, mas os considera com os motivos de cunhos sociais. Ele afirmara que os aspectos deformativos escapam aos meros poderes da cultura e mesmo de indivíduos isolados.

Talvez pudéssemos perguntar: o que pode haver depois do colapso da pandemia do coronavírus? No capitalismo o que aparece, como de resto já intuíram outros, como uma religião, é a veneração ao mercado e ao lucro. E os seus fiéis como espíritos devotados ao crescimento, aos lucros, balanços positivos, alta produtividade etc. A ética do capital é o lucro.

Desse modo, a preocupação com o colapso na pandemia está pautada pelo colapso da economia. Em especial, uma forma de economia ou de abordagem econômica, o neoliberalismo, que tem no seu grande eixo revolucionário, o modelo “*just in time*”, o maior sintoma da sua fragilidade como sistema global. É irresistível comparar essa situação com o efeito *doppler*, em alguns pontos desse sistema, várias ondas de materiais estão se acumulando, obrigando a novas formas de alívio da pressão extrema gerada pela produtividade exagerada.

Porém, em outros pontos o esvaziamento e a necessidade de elementos básicos, o escassear de água, produtos não perecíveis entre outros, indica que a necessidade de repensar a globalidade ou a totalidade desse sistema é emergente. Tanto porque a própria crise se exagerou na forma do colapso quando porque se não tomarmos um direcionamento crítico, muito provavelmente a saída será catastrófica. De algum modo, significa dizer que há uma sofisticação das ilusões coletivas da contemporaneidade, capitaneadas pelos discursos midiáticos que se baseiam em ideologias intercambiáveis, mas não interpostas e nem opostas.

Essa sofisticação, ou mistificação, é tanto mais eficaz quanto mais se entranha nos sujeitos o modo como seu funcionamento se distancia da possibilidade da construção de uma subjetividade e de uma consciência crítica. Ou seja, escrever poesia depois de *Auschwitz* é bárbaro e isso corrói, dialeticamente, a própria possibilidade de entendermos porque isso é bárbaro. Não podemos mais engolir de maneira conivente que o dinheiro não dá em árvore e que a economia é tão importante quanto as pessoas. Isso é um falso dilema, simplesmente porque ela não é. Não podemos mais protestar pela manhã, trabalhar a tarde e ir ao teatro a noite, sem que isso nos provoque um desconforto.

Exemplos desse agravamento não faltam. Claramente descendentes do neoliberalismo, o perscrutamento da barbárie na forma da total inumanidade controlada da administração da pobreza, na China, nos EUA, na Hungria ou no Brasil, desvela-nos um horizonte ainda mais nebuloso e nevosos do que aquele indicado por Adorno sobre *Auschwitz*. A falência múltipla do exagero da mitologização, de um certo tipo de pensamento humano, como fonte de superação para a liberação do jugo imaginário da natureza, resultou no derrotismo do utilitarismo e no colapso completo do gênero humano. Gerando uma sociedade da indiferença e da incompreensão.

Hoje, mais que nunca, se faz necessária uma compreensão crítica do que temos convencionado chamar de ciências ou modernidades, que muitas vezes parecem óbvias, mas não são. É preciso tentar elaborar possíveis reflexões que mostrem por que estas ideias não são assim tão evidentes e quais as possibilidades éticas que essa própria crítica detona. Nesse sentido, são as ideias, ideologias e os conceitos, o sustentáculo das estruturas do sociometabolismo do capital, pois que dele emanam as substâncias dos discursos hegemônicos do monopólio. É neles que se sustenta a

impossibilidade da emancipação da humanidade, contra a qual a dialética e o pensamento crítico devem avançar pois, conforme diria Adorno (2015, p. 231) “tal perigo se refere não a possibilidade da barbárie após a revolução, mas sim ao bloqueio da revolução pela sociedade total”.

Por conta disso, se faz imprescindível a qualquer compreensão das sociedades contemporâneas e a realização daquele ideário kantiano da saída da menoridade: que nos debrucemos sobre este pilar (ético) fundamental sobre o qual vivemos e no qual funcionamos como peças-chave no maquinário do colapso e da exploração. Nenhuma resposta é completamente válida, nem consegue se manter, hoje mais que do nunca, o todo é o não verdadeiro, ou seja, atualmente, parece ter se destacado o caráter fragmentário da ciência contemporânea. O aspecto desregulado do neoliberalismo, e as escleroses múltiplas dos governos. Independentemente do seu teor de democracia, ou da sua suposta racionalidade e apelo economicista, poucas governanças puderam realmente lidar com esse agravamento.

### Considerações finais

Nossa hipótese é de que conseguiremos compreender o horizonte do esvaziamento da contemporaneidade logo que abriremos mão do desiderato da totalidade e assim reconhecermos a fragilidade da humanidade e sua pequenez ante a existência. É, portanto neste contexto, de caos e pandemia, que se configuram as condições necessárias para a emergência da questão: escrever poesia depois do coronavírus será um ato bárbaro?

O que solapa a corrente discussão em relação a democracia e ao capitalismo sistemático e globalizado do qual não se pode mais fugir e de cujas implicações se alimenta a crítica que poderá desestabilizar ao menos por em perspectiva, as ideologias vigentes. Faz-se necessário expor algum panorama da contemporaneidade centrado-se na questão dos levantes e movimento sociais e tendências ideológicas que produzem a fetichização sociológica da identidade e da identificação com o capital, levando a cabo sujeitos que podem reiteradamente lutar por direitos quaisquer e negar certos elementos nevrálgicos a sua própria interligação com a existência daqueles problemas.

Há um conto do escritor Julio Cortázar (2007) que vale a pena mencionar, chamado “*A autoestrada do sul*” que consta de uma coletânea de contos chamada “*Todos os fogos o fogo*”. Poderíamos dizer que é um conto sobre um engarrafamento, sobre um estado de emergência ou sobre uma quarentena. Mas em especial poderíamos dizer que é um conto sobre a provisoriedade e sobre a intensidade da contingência ou da emergência.

Sem mais explicações há uma parada na estrada. Eles não estão exatamente presos. Em algum momento alguns deles decidem procurar ajuda nas redondezas, nas fazendas e propriedades da região. Mas as pessoas, com medo e preocupadas, estão armadas de várias formas. Estão preocupadas com sua sobrevivência e com medo desses estranhos. Alguém está viajando e de repente tem que parar. São vários personagens, cada um identificado a princípio com seus carros: as duas freiras do zhp, os rapazes o Simca, o engenheiro do Peugeot etc. Aos poucos, como todos

tem que ficar ali parados, começa a se formar um cosmos em miniatura, como uma espécie de aquário temporário, uma constelação.

Os personagens começam a se desdobrar e assumir funções diversas. Ninguém sabe direito porque estão parados, o governo não dá notícias, e a polícia não dissolve o engarrafamento. Não se sabe, nem os personagens nem nós, se é por causa de um acidente na estrada, a queda de uma barragem, uma ponte etc. Mas eles ficam parados. De certo modo a vida cotidiana, ou o cotidiano possível nessas condições, vai-se fazendo emergir nos interstícios. No fim das tardes, nas madrugadas, entre os carros. Onde os outros não vão poder ver, por onde se esgueirar em busca de calor humano entre outras coisas.

Nesses espaços, nessas filigranas, os personagens vão encontrando tuneis, galerias, portas, janelas, ou passagens se preferirmos, para a elaboração de uma transfusão porosa de si no outro. Eles vão mudando suas características e assumindo novas formas, novas posições. De modo semelhante, na constelação se abrem múltiplas camadas, dimensões e campos de expressão, em especial pela dialética negativa. A dialética negativa (e, por conseguinte o não-idêntico) é aquilo de que a consciência tem consciência como seu outro, e não uma ausência da consciência em si, algo inconcebível. Assim ela é parte do processo de autoconsciência do conceito.

Nesse universo, as amenidades, os desencontros e os atritos também se manifestam. Alguém rouba do sortimento de comida e bebida, outra trai o marido com o vizinho três carros a frente, etc. No entanto, talvez devamos alterar a questão de como nos parecem os tempos (?), (naquele caso os autores), para a pergunta: como nós parecemos ao nosso tempo (?) e assim lançarmo-nos a um nível mais alto de crítica, alcançando a metacrítica.

Nesses termos, qual o vínculo entre o acontecimento de *Auschwitz*, a pandemia do Coronavírus e uma reflexão sobre uma educação contra a barbárie? Podemos dizer que o vínculo está no “imperativo ético” Adorniano, qual seja, de ser contra a repetição de *Auschwitz*. Para isso buscamos alguns elementos que imaginamos estarem contidos no pensamento adorniano, sobretudo, na sua seguinte tese “escrever um poema depois de *Auschwitz* é um ato bárbaro”. Isto é, num primeiro aspecto, tentamos identificar os motivos e causas das mortes com a pandemia relacionadas as consequências do *ethos* educativo no capitalismo neoliberal. Um segundo aspecto foi pensado o próprio desenvolvimento da educação contra a barbárie em tempos de pandemia. E para se falar em educação em tempos pandêmicos, consiste na recusa, em tratar a questão de uma forma prosaica, simplista e anêmica, ou seja, desprovida de “sangue, suor e lágrimas”.

A essência educativa, se é que poderíamos dizer desse modo, não está “atrás” somente da aparência didático-pedagógica, se usamos ou não as tecnologias digitais, se ajudam ou atrapalham, entre outras falsas polêmicas. Mas, está vinculada à reflexão da aparência acerca do modo educativo que se articula na remissão do seu duplo caráter dialético diante das consequências da pandemia, isto é, de *adaptação e resistência* na perspectiva da teoria crítica adorniana.

A intenção até aqui foi mostrar a atualidade e a persistência dos diversos modos de submissão da educação aos limites da desregulamentação formativa imposta pela lógica capitalista neoliberal. E o que isso significou? Significou compreender que a formação dos indivíduos, nesse particular, a educação em tempos pandêmicos, tornou-se intrinsecamente limitada. Nosso estudo se propõe, a partir desse ponto, a articular algumas formas de desencantamento da educação contra a barbárie, colocando em evidência a crítica dialética e a expressividade estética nas suas formas de resistência crítica e criativa.

## Referências

- Adorno, T. W. (1998). *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Almeida. São Paulo: Ática.
- \_\_\_\_\_. (2015). *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução Verlaine Freitas. São Paulo: Editora UNESP.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Minima moralia*. Tradução Eduardo Bicca. São Paulo: Editora Ática.
- Adorno, T. W.; Horkheimer, M. (1985). *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar.
- Cohn, G. (1994). *Theodor W. Adorno: sociologia*. Trad. Flavio R. Kothe et al. 2ª ed. São Paulo: Ática.
- Cortazar, J. (2007). *Todos os fogos o fogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Maar, W. L. (2003) Adorno, semiformação e educação. *Educação e Sociedade*. 83(24), 459-476.
- Žižek, S. (2020). *Não podemos tratar da questão dos refugiados sem abordar o capitalismo global*. <https://blogdaboitempo.com.br/2015/09/18/zizek-nao-podemos-abordar-a-criese-dos-refugiados-sem-enfrentar-o-capitalismo-global-os-refugiados-nao-chegaram-a-noruega-tao-pouco-a-noruega-que-eles-procuram-existe/>